

Influência andaluza na arquitectura portuguesa dos séculos XIX e XX

António Losa †

Ex-Professor de Língua e Cultura Árabes do Centro de Estudos Humanísticos do Porto

Extraído de
Actas do IV Congresso
de Estudos Árabes
e Islâmicos,
Coimbra – Lisboa, 1968

1 – A PENÚRIA PORTUGUESA E A SEDUÇÃO ANDALUZA

É sabida a penúria portuguesa em matéria de arte relativa ao período de domínio islâmico no nosso país.

Vivendo na esfera castelhana e andaluza, parece que o território que depois havia de constituir Portugal não possuiu nunca grandes monumentos. Nem mesmo Silves, cujo Palácio das Varandas foi imortalizado pelo seu antigo governador – o poeta Al-Mutamid, que viria a ser rei de Sevilha – conservou testemunhos da sua efémera grandeza.¹

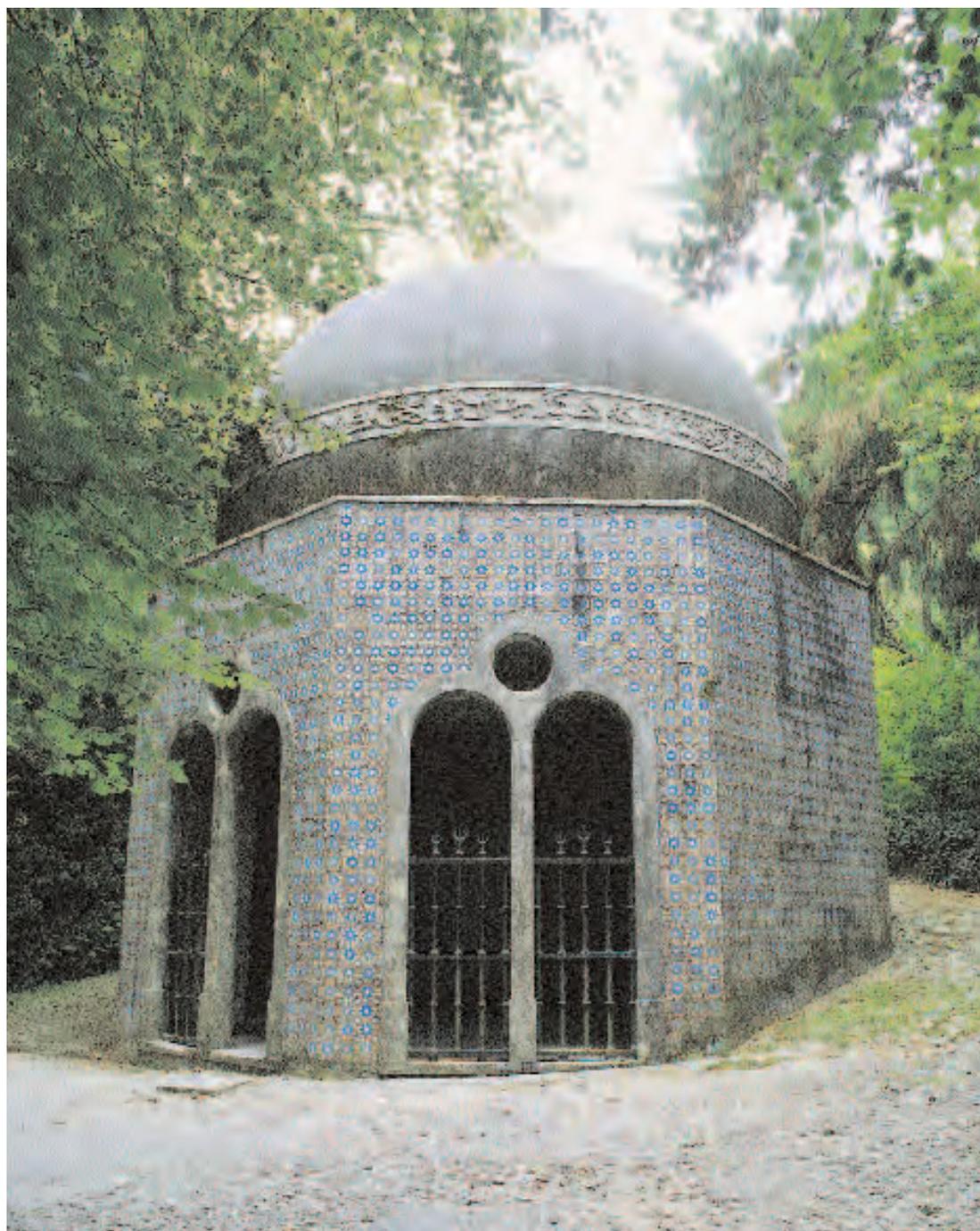
Sem dúvida que existiram, semeadas por todo o país, inúmeras mesquitas e azoias, de que a toponímia conserva a recordação. Mas, ou pela acção do tempo ou pela intolerância dos homens, quase nada resta dos edifícios que serviram à prática, durante cerca de cinco centúrias, do culto islâmico.²

Cabe à arqueologia, seguindo as raras – algumas porém muito valiosas – pistas que possuímos, reconstituir o passado e trazer ao conhecimento dos homens do nosso tempo a história dos que os precederam, dos quais eles herdaram boa parte do património que hoje usufruem.³

Sem falar no *mudejarismo* que nos séculos xv, e xvi invadiu as nossas igrejas e palácios, quer com os seus tectos geometricamente decorados, quer com as paredes revestidas de azulejos⁴ importados do país vizinho, Portugal havia de redimir-se da referida pobreza e da possível sanha demolidora, levantando, a partir de meados do século passado, e por vários pontos do seu território, numerosos edifícios, uns mais valiosos que outros, mas todos igualmente significativos.

Vivendo tão próximo da Andaluzia, é para lá sobretudo que os nossos românticos voltam as suas atenções, imitando, por vezes copiando, as maravilhas que a civilização islâmica lá produziu.

Fonte dos Passarinhos.
Palácio da Pena em Sintra.
Fotografia de Paulo Andrade



2 – A ROMÂNTICA SINTRA

Não foi por acaso que a nova arquitectura, o *neomudejarismo*, surgiu nesta paradisíaca vila. Em nenhuma outra povoação era mais viva a recordação dos *mouros*: no palácio joanino-manuelino⁵, na toponímia⁶, nas lendas.⁷

Os últimos reis da quarta dinastia fizeram de Sintra a sua estância de veraneio.

D. Maria II, a rainha forte e a mãe excelente, casara, em segundas núpcias, com um príncipe alemão, verdadeiro tipo de intelectual e de artista. Vivendo em plena época romântica, oriundo mesmo dum dos berços do romantismo, o rei D. Fernando de Coburgo e Gotta, pintor e gravador apreciado, fez-se rodear de sábios e artistas, de quem foi verdadeiro mecenas.

Em 1838, comprou⁸ o que restava do antigo Convento da Pena, construído por D. Manuel em 1503 para aí instalar dúzia e meia de frades jerónimos⁹. Parcialmente destruído pelo terramoto de 1755, encontrava-se, à data em que o monarca o adquiriu, completamente abandonado, em consequência da expulsão das ordens religiosas. Enxertado na antiga construção, levantou o príncipe um palácio acastelado, de aparência norte-europeia, mas onde predominava a inspiração oriental.

Cedo se dividiram as opiniões, se não a respeito do mérito da obra, pelo menos do gosto e, sobretudo, do critério que presidiu à sua erecção. Assim, enquanto o célebre crítico Raczinsky¹⁰, lhe censura o hibridismo da enxertia, outros, como Vilhena Barbosa¹¹, dizem maravilhas do novo palácio-fortaleza.

À entrada, por dentro da porta principal, na base do tecto em estalactites, e passando quase despercebido, um friso constituído por uma legenda árabe, na qual se declara que aquele edifício é a continuação melhorada da construção manuelina. Essa mesma legenda, em caracteres mais altos, vocalizada e com todos os diacríticos, serve de ornato a envolver, exteriormente, a cúpula

da chamada Fonte dos Passarinhos, que se encontra no riquíssimo Parque da Pena, mandado plantar pelo mesmo monarca.

Damos a seguir, supomos que pela primeira vez, o texto árabe, seguido da sua tradução literal.

TEXTO ÁRABE

السلطان صون مانويل بنا هذا الدبر المبارك على اسم سيدتنا مريم
ده پنہا سنه ١٥٠٣ ذكرًا لرجوع صون فاسكو ده غامه سالما من كشف
واستملاك الاراضي والبلاد التي وجدها اعني ٤ كايو بونا سبيرانسه
والهند وغيره * ثم حضره السلطان صون فرناندو الثاني قرين ذات الجملة
صونه ماريا سيكونده عمره واتقنه هكذا سراية وقلة سلطانية سنة ١٨٤٠

TRADUÇÃO

*O sultão D. Manuel construiu esta capela bendita em nome de Nossa Senhora Maria da Pena, no ano de 1503, em comemoração do regresso, a salvo, de D. Vasco da Gama do descobrimento das terras e países que encontrou, isto é, o Cabo da Boa Esperança, a Índia e outros. Depois, Sua Alteza o sultão D. Fernando Segundo, marido de Sua Majestade D. Maria II, construiu e cuidou desta maneira, com muita magnificência real, no ano de 1840.*¹²

Impõe-se aqui um breve comentário à redacção deste texto, que nos apareceu perfeitamente esculpido, vocalizado e com todos os diacríticos marcados:

O vocábulo Maria, quando aplicado à Senhora da Penha ou Pena (a primeira forma é a que aparece no texto), é grafado por *Mariam*. Quando se fala da soberana reinante, escreve-se *Maria*. Também há disparidade de tratamento com relação ao numeral Segundo e *Segunda*. Enquanto o primeiro vocábulo é traduzido para árabe, a forma feminina aparece pura e simplesmente aljamiada. Além das palavras *Don* e *Dona*, figuram igualmente em aljâmia os nomes *Manuel*, *Fernando*, *Vasco da Gama*, *Cabo da Bona* (em vez de Boa) *Esperança*.

Próximo da referida Fonte dos Passarinhos, encontram-se dois grandes vasos de pedra, envolvidos cada um por uma legenda em caracteres

árabes. Estudámo-la atentamente, graças ao decalque que dela nos foi feito pelo administrador do Parque da Pena, Eng. Roque de Pinho, mas a única coisa que parece poder apurar-se é a data – 1840 – perfeitamente legível.

Intitulámos o nosso trabalho de *Influência Andaluza sobre a Arquitectura Portuguesa dos Séculos XIX e XX*. Esclareça-se porém que ele não é, nem pretende ser, estudo de crítica ou de história de arte.

Como arabista, interessa-nos sobretudo a literatura, original ou não, que ilustra ou decora os edifícios de que nos vamos ocupar.

Não nos demoraremos pois a julgar a obra do Barão de Eschewege. Não queremos, no entanto, deixar de fornecer aos interessados o meio de se debruçarem sobre o assunto, sobretudo no que se refere à possível influência da Alhambra na concepção do projecto encomendado pelo príncipe consorte ao arquitecto alemão. Por isso se documenta uma das portas que são geralmente apresentadas como sugeridas pelo maravilhoso palácio granadino.¹³

3 – A PRESENÇA DE LORD BYRON. MONSERRATE

O exemplo de D. Fernando foi seguido muito em breve por outros. Mesmo em Sintra.

Foi sem dúvida sob a influência da Pena que em Monserrate se construiu um novo palácio, em estilo oriental, mas denunciando visivelmente a preocupação de seguir de perto a arquitectura indopersa. Nem o facto é de estranhar, da parte dum cidadão britânico, uma vez que estava já em pé, havia alguns anos, o celebrado pavilhão de Brigton.¹⁴

Desde 1770 que a famosa Quinta de Monserrate¹⁵ andava em mãos de ingleses quer por arrendamento, quer por compra.

O primeiro inglês que a ocupou foi Gerardo de Visme, que a arrendou à família Melo e Castro. Este riquíssimo súbdito britânico, depois de deslocar a

capelinha quinhentista existente, construiu no lugar que ela ocupava um palacete, de que resta, segundo creio, uma única gravura.¹⁶

Ao fim de dezasseis anos, De Visme regressa a Inglaterra, cedendo a Beckford a quinta e palácio, que continuam em sistema de arrendamento.

Não obstante possuir a propriedade a título mais que precário, Beckford consome uma enorme fortuna na plantação do Parque, um dos mais belos do mundo. Recebe Lord Byron, que aí escreve certamente parte do seu livro *Harold's Pilgrimage*, no qual imortaliza a formosíssima vila e o seu hospedeiro.¹⁷

É em 1853 que um outro inglês, Francis Cook, adquire a propriedade com o palacete, ambos já em ruínas, e manda construir, sobre risco dum arquitecto inglês, o actual palácio.¹⁸

As publicações do final do século passado dão-nos testemunho de como se vivia naquele recanto da fidalga povoação e dos benefícios que advinham à vila e concelho de ter no seu grémio um cidadão britânico ornado com um título português – o de Visconde de Monserrate¹⁹.

Faz pena verificar que aquela elegante construção está praticamente abandonada, fechada e sem o riquíssimo recheio que possuiu até há bem poucos anos. Não haverá mais um inglês romântico que salve Monserrate da ruína?²⁰

4 – O PALACETE DA QUINTA DO RELÓGIO

A construção, em estilo árabe, que se seguiu, ainda em Sintra, foi a do «chalet» da Quinta do Relógio, na estrada dos Pisões, fronteiro ao palácio neomanuelino conhecido por Palácio da Regaleira.

Foi este palacete construído, em tempos de D. Pedro v, pelo capitalista Manuel Pinto da Fonseca. Diz-se que o monarca reinante se recusara a visitá-lo, por achar que o edifício havia sido levantado com dinheiro mal adquirido – ganho no tráfico de escravos.

D. Carlos, menos escrupuloso, ao que parece, ali passou a sua lua-de-mel.

É a primeira construção portuguesa, que eu saiba, em que surge – bem visível – a divisa dos reis de Granada.²¹

ولا غالب الا الله «Enão há vencedor senão Deus»

Disse-me alguém, não sei se o próprio caseiro, que o edifício vai ser demolido. Pena é que se não envidem esforços no sentido de evitar tal perda.

Além da casa, possuía a quinta um formosíssimo jardim e uma árvore que era muito admirada.²²

O edifício foi desenhado pelo arquitecto António Manuel da Fonseca Júnior, filho do professor de Belas-Artes do mesmo nome.

Em 1864, Vilhena Barbosa descreve a construção e faz-lhe as considerações que julga justas.²³

5 – OS PALACETES DE LISBOA

De Sintra, o novo estilo passou a Lisboa.

Na Avenida da Liberdade, que sucedera ao tão chorado Passeio Público, construiu o rico industrial de bolachas, Conceição e Silva, um prédio que fora desenhado pelo arquitecto francês Henri Lusseau, e para o qual mandara vir materiais do estrangeiro – Itália e França²⁴. É o prédio que ocupa hoje a Fosforeira Portuguesa. A data da sua edificação remonta a 1891.

Na mesma Avenida, mas do lado oposto, ergue-se um outro edifício, que não pudemos ainda estudar.

Mais antigo que estes dois é, sem dúvida, o que outro capitalista fez construir na Praça Príncipe Real, em 1877, e que felizmente se conserva ainda. Ignora-se-lhe porém o arquitecto, não faltando quem avenge a hipótese de ser cópia de modelo estrangeiro.²⁵

6 – A PRAÇA DE TOUROS DO CAMPO PEQUENO

Procurando rivalizar com a capital do país vizinho, também Lisboa quis ter a sua praça monumental.

Agora é o tijolo que toma o lugar da pedra e do estuque.

Em 1891, a Empresa Tauromáquica Lisbonense põe a concurso a construção duma nova praça, que o arquitecto António Dias da Silva desenhara.

A empreitada é adjudicada ao francês Broussard.

Um ano volvido sobre a abertura do concurso era inaugurada, ainda incompleta.

Obra de grande aparato exterior, foi recebida ruidosamente pela crítica do tempo.²⁶

Mais ou menos da mesma época é a de Algés, hoje abandonada em ruínas. Ao que consta, vai ser demolida.

Palácio da Bolsa. Fotografia de Paulo Andrade

7 – SOBRE AS RUÍNAS DUM CONVENTO, UM PALÁCIO COMERCIAL COM UM LUXUOSÍSSIMO «SALÃO ÁRABE»

A construção do Palácio da Bolsa do Porto, sede da Associação Comercial daquela cidade, é contemporânea da da Pena, em Sintra.

Efectivamente, a sua edificação, no sítio das ruínas do Convento de S. Francisco, que um incêndio destruíra, praticamente, iniciou-se em 1842²⁷. A do salão de que nos vamos ocupar só se processou, todavia, a partir de 1862, tendo ficado concluída em 1880. A sua inauguração constituiu um dos números, por sinal dos mais modestos, das comemorações do III Centenário da Morte de Camões.²⁸

É de todas as obras arquitectónicas produzidas pelo novo estilo – o *neomudejarismo* – a que se reveste de maior interesse para este estudo. Não se estranhe pois que aqui nos alonguemos um pouco mais.

Na concepção e na execução do plano desta sala é notória a preocupação de seguir de perto – por vezes até à cópia servil, como se verá claramente – modelos da Alhambra.

A decoração mural, a exemplo do que se verifica em Granada, é constituída por losangos,



preenchidos com motivos de ordem vegetal, geométrica e literária.

São duas as legendas que alternadamente entram na decoração desses losangos.

Uma, dentro dum quadro a que se quebraram os lados, assente sobre fundo vermelho, diz:

«Proteja-o
الله نصره
Deus»

Esta legenda, de carácter religioso, figura por vezes em certos tipos de moedas medievais.

A outra, certamente a mais representativa, por ter sido composta expressamente, segundo cremos, para dedicar aquela sala à soberana reinante a quando do início da construção, reza assim:

عز لانا السلطانة مريم آ

«Glória (...) a sultana Maria II»

Em nosso entender, a inscrição foi amputada pelo operário que a moldou, ou por quem lhe deu a orientação, pois ela não pode formar sentido sem o complexo trilítero que aí não figura لمو que deveria formar corpo com a terminação لانا para significar «ao nosso chefe» ou soberano.

A legenda completa será pois:

عز لمولانا السلطانة مريم آ

«Glória ao nosso soberano a sultana Maria II»

Custa a compreender-se – mas temos que o admitir – como foi possível truncar-se uma legenda sem a cortar no princípio ou no fim. É certo que o executante da decoração não sabia que estava a lidar com literatura.

Até hoje, não se encontraram os desenhos nem mesmo o projecto daquele Salão, como aliás de todo o edifício, apesar dos persistentes esforços desenvolvidos nesse sentido.

Quem teria sido o autor desta legenda? Um português? Mas, nesse caso, o arabista não se teria dispensado de prestar a sua assistência e orientação aos trabalhos.²⁹

Note-se ainda, no que respeita a esta mesma legenda, que na sua redacção, empregando embora o masculino مولا, em vez de مولاة, o autor usou o feminino de سلطانة – سلطان – para significar *rainha*.

Contrariamente ao que verificámos na legenda da Pena, o nome da soberana tem a forma semítica *Mariam*. E em vez do ordinal *Segunda* aparece o algarismo 2 – ٢.

Nas vinte portas envidraçadas do Salão encontram-se pintadas, em vidros independentes, e sobre fundo azul, quatro legendas. São de difícil interpretação, pelo menos as duas da esquerda. Supomos não nos enganarmos, se dissermos que elas foram reproduzidas, fidelissimamente, de duas páginas gémeas dum alcorão do século XVIII.³⁰

O decorador achou por bem suprimir a frase الملك لله «O poder pertence a Deus» representada quatro vezes nas mencionadas páginas.

Convém fixar que as legendas pintadas nas portas do Salão do Palácio da Bolsa, segundo cremos, não fazem parte do texto corânico. Aquelas duas páginas gémeas, profusamente iluminadas, destinavam-se a separar capítulos. E ocuparam-nas com qualquer máxima moral. Deixamos aos especialistas – com competência que nos falta – a sua interpretação.

Na maior parte das portas do Salão Árabe as legendas estão baralhadas: as de cima passam para baixo, as da esquerda para a direita. Suprimem-se por vezes duas e repetem-se as outras duas. Até há uma porta com os vidros pintados ao contrário e com uma das inscrições posta de pernas para o ar...³¹

No seu conjunto, a sala tem majestade. E poucos se aperceberão de que o tecto é uma cópia – diríamos escandalosa – da Alhambra, reproduzindo um trecho da Sala da Barca.

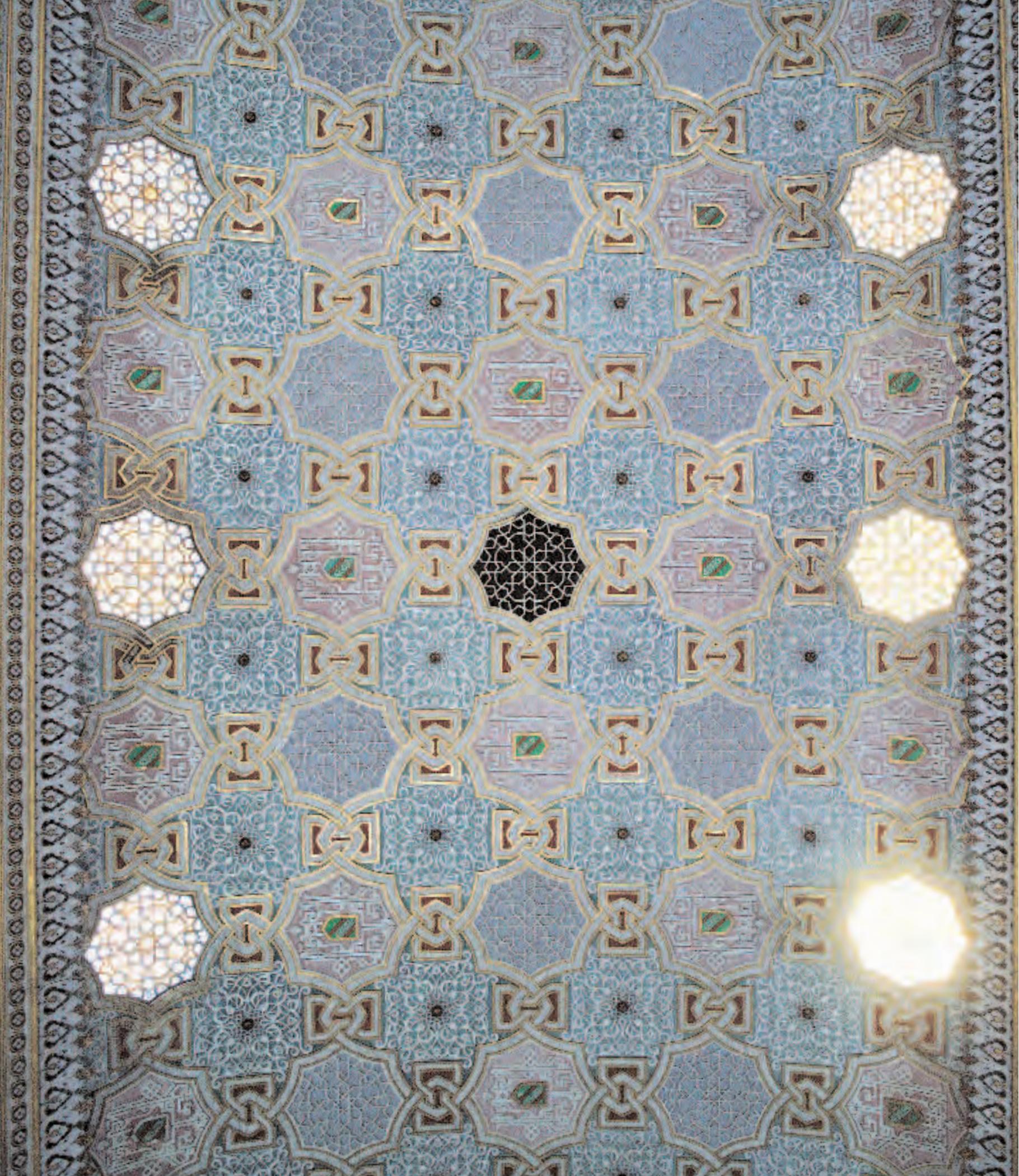
No centro do octógono de lados côncavos, emoldurado pela mesma legenda cúfica de



بِسْمِ اللَّهِ الرَّحْمَنِ الرَّحِيمِ

بِسْمِ اللَّهِ الرَّحْمَنِ الرَّحِيمِ

بِسْمِ اللَّهِ الرَّحْمَنِ الرَّحِيمِ



Granada, encontramos, mais uma vez, a divisa dos reis granadinos, representada no medalhão, em diagonal, sobre fundo verde: ولا غالب الا الله «E não há vencedor senão Deus.»

É neste salão que a cidade do Porto recebe as personalidades mais importantes que a visitam. Foi lá que em 1898 Mouzinho de Albuquerque recebeu a espada de honra, como foi lá que em 1957 foram apresentadas a Isabel II de Inglaterra as saudações da cidade invicta.

A Associação Comercial, sendo sua proprietária, zela esta bela construção com o máximo cuidado, mostrando-a a todos os turistas que o solicitam, mas não autorizando, como medida de precaução, que passem para além do gradeamento que protege a entrada. De desejar é, porém, que aquela entidade consiga evitar, através de obras e estudos que se impõem, a infiltração de humidade no tecto e parede do lado de poente, donde já desapareceu parte considerável da pintura do estuque tão belamente policromado.³²

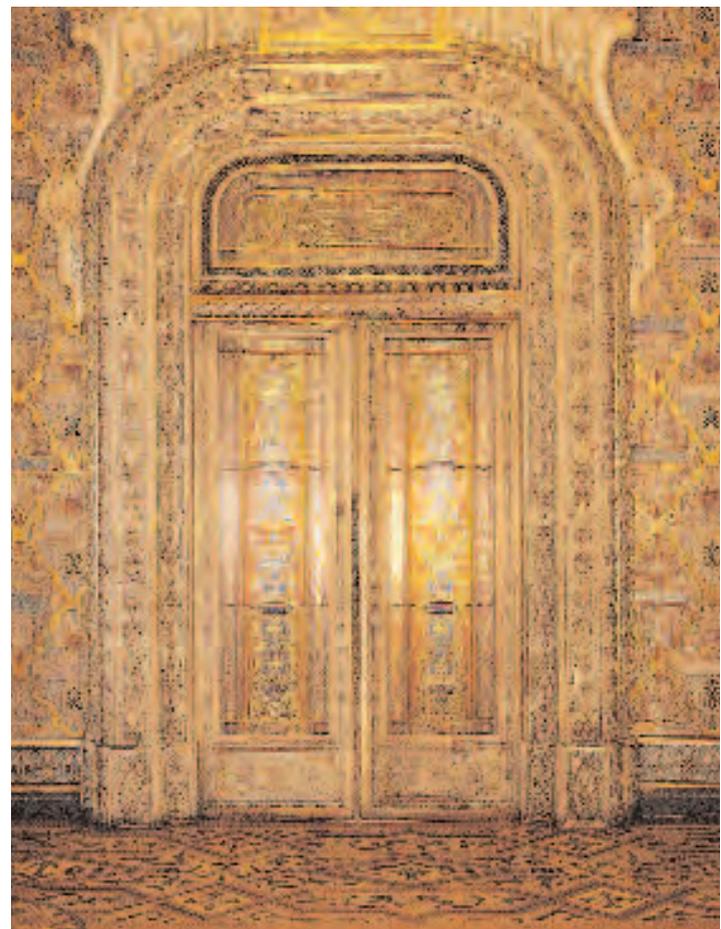
8 – A FÁBRICA DE CERÂMICA DAS DEVEZAS, EM VILA NOVA DE GAIA

Esta importante unidade industrial existia desde 1865. Tinha, e tem ainda, sucursal na Pampilhosa, onde fabricava telha.

Por volta de 1890, mandou construir no Porto, na antiga Rua D. Carlos I, hoje designada por Rua José Falcão, um belo edifício em estilo árabe, todo revestido de cerâmica cozida, aí instalando os seus escritórios.

Em 1900, as primitivas instalações de Vila Nova de Gaia foram substituídas por outras, rematadas em ameias orientais, revestidas as paredes de azulejos que imitavam os hispano-árabes.

Transcrevemos da obra *Cerâmica Portuguesa*, de J. Queiroz publicada em 1907 (33), uma informação preciosa:



«Fundada por António de Almeida da Costa, tem hoje como título: “Fábrica Cerâmica e de Fundição das Devezas” e funciona sob a firma de António de Almeida da Costa & C.^a. A mais das bem montadas oficinas das Devezas tem sucursal na Pampilhosa, desde 1880 onde fabrica telha, e um depósito geral, magnífica instalação própria, Rua de D. Carlos I, 131.

«Toda a direcção e a cargo do hábil artista José Joaquim Teixeira Lopes (pai).

«Pela quantidade, qualidade, e variedade dos seus productos, é uma das mais importantes fábricas do país.

«...Produz toda a qualidade de materiais para construções, desde tijolo até às peças de ornamentação.

«Das peças artísticas e de adorno caseiro, distinguem-se uma pela forma e outras pelo desenho e modelação. Muitas destas faianças são obra de Teixeira Lopes (pai)... Fabrica azulejos artísticos e cozidos a grande forno.»

Foi arquitecto das novas instalações da fábrica o dito José Joaquim Teixeira Lopes, pai do célebre escultor do mesmo nome, o primeiro duma dinastia de artistas.

Da autoria de Teixeira Lopes devem ser igualmente os projectos da casa da R. José Falcão, no Porto, bem como os edifícios da Creche e do Asilo de Vila Nova de Gaia, mandados edificar por Almeida da Costa, bem como a casa de habitação que foi deste industrial, hoje propriedade da Misericórdia de Gaia.

Em matéria de azulejo, há que referir uma outra fábrica, a das Caldas da Rainha, dirigida pelo grande artista que foi Rafael Bordalo Pinheiro.

A Bordalo Pinheiro se refere J. Queiroz, na obra citada, nestes termos:

«No meado do século XIX, já pouco se fazia de bom em azulejos.

...

«A Raphael Bordallo Pinheiro deve-se grande impulso neste género de decorar. ...

«Bordallo fez-nos transportar à olaria árabe e aos seus predecessores do século XVI, com os seus belos azulejos, a que deu o maior carácter, reproduzindo os tipos «desenho geométrico» e «arabescos», que até agora não foram excedidos na cor nem tão-pouco no saber rudimentar que distingue os originais do Pátio dos Leões, na Alhambra, em Granada e do Alcázar de Sevilha e tantos outros, existentes em Portugal, em que o ceramista se inspirou para criar novos modelos.

«Actualmente há entre nós um renascimento no fabrico do azulejo artístico que nos está

compensando de bons quarenta anos (...) de azulejos estampilhados». – *Ob. cit.*, pp. 243/244.

Na verdade, foi devido sobretudo à acção destes dois grandes artistas – Bordalo e Teixeira Lopes – a que se deve juntar um terceiro, Jorge Colaço, que dirigia a Fábrica de Sacavém, que assistimos a um notável renascimento desta arte trazida pelos árabes para a Península.

9 – UMA VIVENDA EM COIMBRA

O novo gosto arquitectónico ultrapassou o século XIX e não se limitou às duas primeiras cidades do país e seus arredores – casos de Sintra e Vila Nova de Gaia.

Sem pretender apresentar aqui um inventário completo de todos os edifícios que se erguem pelas várias terras de Portugal, construídos em estilo oriental, quero, no entanto, chamar a atenção para uma casa existente em Coimbra, na Rua Oliveira Matos, Letra A.

É propriedade da viúva do médico Dr. José Nunes da Costa, que não me soube dizer ao certo a quem tinha sido comprada por seu marido, nem tão-pouco quem foi o seu arquitecto e qual a data em que foi edificada.

Felizmente, pessoa³⁴ amiga, nosso companheiro de trabalho, que é natural daquela cidade, fez o obséquio de proceder às necessárias diligências, que, felizmente, foram levadas a bom termo, com pleno êxito.

Foi assim que recebemos a informação seguinte, assinada pela Sr.^a D. Elvira Santos:

«Esse *chalet* árabe (...) foi mandado construir por mim, no ano de 1914, sendo o meu sogro, já falecido há anos, João Francisco Santos Júnior, director dos Serviços Hidráulicos do Mondego, quem fez o projecto, e os desenhos das cantarias e varandas, dirigindo sempre essas obras».

O edifício em si é de modestas proporções. Interiormente não tem qualquer interesse.

É construído de calcáreo da região.

10 – UM PÁTIO ÁRABE NUM CLUBE DE LUXO DE LISBOA

O imóvel onde há já bastantes anos está instalada – optimamente instalada, diga-se de passagem – a Casa do Alentejo, depois de ter sido liceu, passara a sede da «Liquidadora», armazém de mobília e de objectos artísticos.

Durante a Primeira Grande Guerra Mundial foi completamente remodelado – sem que para isso fosse modificado o seu aspecto exterior – para aí abrigar o Magestic Club de Lisboa, definido por um jornalista contemporâneo da sua construção como «um club de fina sociedade, *un cercle privé*, onde para se ser sócio é preciso ser apresentado, e pagar uma, relativamente avultada, jóia, e quotas respectivas. Não é ali sócio quem quer.

É só quem o pode ser».

Dado o carácter deste trabalho – uma breve comunicação sobre as lendas dos edifícios construídos em estilo árabe – abstermo-nos de fazer aqui a descrição do belo pátio interior. Limitamo-nos a transcrever um passo da reportagem publicada em 1919 na revista *Arquitectura Portuguesa*³⁵, que, mais do que uma ideia da obra, de que aliás se poderá ajuizar pelas fotografias que documentam o nosso trabalho, nos dará testemunho da maneira de sentir e de pensar dos homens responsáveis pela orientação das coisas de arte daquele tempo:

«Transpondo o guarda-vento envidraçado, fica-nos na frente uma grande escadaria, em mármore.

«Ao cimo, e em frente, uma porta árabe com vitrais; dando acesso aos gabinetes reservados. Abre-nos essa porta um criado irrepreensivelmente fardado e então vêm-nos à mente as visões fantásticas das *mil e uma noites*.

«Estamos num amplo pátio árabe, com arcarias em volta, janelas de escada ao nível do primeiro andar, e coberto por uma cúpula envidraçada e

fosca, por onde se coa uma luz suave, que ilumina o fantástico recinto.

«A impressão de momento, perante o conjunto de uma obra árabe, com os seus rendilhados, nichos, frisos decorativos, colunas, tudo conjugado com uma policromia especial e característica, sucede a análise geral de conjunto, a apreciação, a classificação, enfim, deste estilo, que das Índias até Granada e Sevilha, esse povo proeminente deixou nos períodos áureos da sua civilização, dispersos pelo litoral da África Setentrional, Arábia, Pérsia, Síria, Índia, e por outros pontos do globo, com diferenças inspiradas nos vários centros geográficos, raças e costumes, onde a civilização árabe dominou».

Mais adiante, diz-se nessa longa e elucidativa reportagem:

«Assim, julgamo-nos transportados a Sevilha, ou vagueando nas cidades marroquinas, onde o estilo árabe está intimamente ligado ao carácter que esse povo soube dar ao belo padrão que se chama Alhambra».³⁶

Vemos aqui confessada a influência granadina sobre a concepção deste pátio.

Mas não era necessário que o repórter no-lo dissesse, pois ela está larga e eloquentemente documentada nos frisos que ornamentam o pátio e o anexo onde foi construída a escada de acesso ao primeiro andar.

Esses frisos são constituídos, a exemplo do que se fez na Alhambra, pela repetição da legenda:

ولا غالب الا الله «E não há vencedor senão Deus»

Conforme ao que encontramos no Salão do Palácio da Bolsa do Porto, vemos nos capitéis que rematam as colunas deste pátio pequenos brasões com a mesma inscrição granadina disposta em diagonal.

11 – UMA PADARIA EM ESTILO ÁRABE

Em data que não conseguimos apurar, mas que parece situar-se entre 1920 e 1930, uma

empresa de moagem de Lisboa construiu, para nele instalar uma padaria, na Avenida de Berna, daquela capital, um edifício em estilo árabe, que esteve de pé até 1965, ano em que deu o lugar a um grande imóvel de rendimento.

À gente de Lisboa ouvi chamar-lhe «Mesquita de Ali Há Pão». E é que havia mesmo...

Foi propriedade do Sr. Castanheira de Moura, da Companhia Lisbonense de Moagem, com sede na Rua de S. Nicolau. Mas, segundo parece, o primeiro proprietário fora um espanhol.

Em 1964, quando preparava uma primeira redacção deste trabalho para o enviar para o Congresso de Cambridge, pedi a pessoa amiga³⁷, que vivia então em Lisboa, o favor de mandar fotografar a curiosa padaria. O fotógrafo porém só o reproduziu exteriormente, por a casa «estar cheia de utensílios e em más condições de conservação». Que aliás também não tinha interesse, esse interior – foi-me dito então.

Num belo domingo de 1965, estando na capital, passei pela Avenida de Berna. E grande foi a minha surpresa e o meu pesar ao ver a casa quase totalmente demolida.

Recorri a outro amigo³⁸, que se interessa por coisas árabes, e solicitei-lhe que mandasse no dia imediato, às primeiras horas da manhã, retratar o que restava e que assim ficou para a história... E ninguém se apercebeu, que eu saiba, que aquela padaria ostentava, além duma imponente cúpula, uma bela decoração interior onde, mais uma vez, se fazia sentir a irradiante sedução da Alhambra. A legenda lá estava:

ولا غالب الا الله «E não há vencedor senão Deus»

Como lá estava esta, decorando uma janela simulada:

الغز لله «A glória pertence a Deus»

Foi demolida a padaria. Outros edifícios do mesmo género terão idêntico destino em breve, sobretudo aqueles que não têm mais de um ou dois andares, como é o caso de duas casas sitas na

Avenida Almirante Reis e outra no Arco do Cego, ao começo da Rua D. Estefânia, onde estão instalados os serviços do Instituto de Reumatologia. Bom seria que os verdadeiros amigos de Lisboa se interessassem por que desses imóveis ficasse ao menos documentação fotográfica suficiente, atestando uma temática que foi grata, numa determinada época, aos nossos arquitectos e àqueles para quem trabalhavam.

12 – UMA FONTE EM SINTRA

O jovem libanês que conosco visitava Sintra, em 1951, ao desembarcar do comboio que lá nos conduziu, pondo os olhos na fonte que ali se levantava e depois no Palácio Nacional, exclamou, abrindo os braços: – Isto é tudo meu!

Efectivamente, Sintra parecia, e parece ainda, não obstante ter-se sacrificado aquela fonte³⁹ em benefício dum novo arruamento, terra de árabes...

A revista já citada *A Arquitectura Portuguesa*, em seu número de Fevereiro de 1922, anunciava que um novo chafariz, «um belo trabalho em estilo árabe, a condizer com o velho Paço de Sintra, que lhe fica muito próximo», ia substituir o existente, que não tinha mais nada que o recomendasse, a não ser a bela água que dele brotava.

O informador precisava:

«Tem de largura na frente oito metros, e de alto oito metros e meio, devendo ser feito em mármore lioz da região e forrado de azulejos, imitação dos que se acham nas salas do velho Paço, que são árabes».⁴⁰

Segundo nos consta, essa fonte foi erecta numa das belas quintas da região, onde felizmente se conserva. Nem tudo se perde, afinal.

13 – DOIS ARCOS FESTIVOS

Em 1858, a revista *Archivo Pitoresco*, publicava larga reportagem sobre o casamento de D. Pedro v e D. Estefânia.

O articulista⁴¹ não se mostra porém muito benevolente para com os autores dos arcos triunfais levantados nas ruas do Ouro e da Prata, em homenagem ao régio acontecimento. Ouçamo-lo, que merece a pena:

«O arco do fundo da rua do Ouro, bem como o da rua da Prata, visto de perto, desmantelavam cruelmente as impressões daquele belo efeito, porque estavam pesados e sombrios, como verdadeiros sepulcros.

«De todas as decorações que a Câmara levantou, eram aquelas onde a arte foi mais abafada. Não tinham os seus autores a alma e o coração bem dispostos no momento em que tentavam inspirar--se na elegância e imponência da forma, da fantasia dos ornatos e arabescos, da contraposição e vigor do colorido que revestem, animam e caracterizam as composições orientais...»

Não admira que o crítico, com os olhos habituados às magnificências de Sintra, dissesse mal dos dois arcos de triunfo...

14 – UMA ESTAÇÃO DE CAMINHO-DE-FERRO

Aquando da inauguração da estação de Vila Franca de Xira, construída de 1929 a 1930, falando das janelas geminadas que ela apresentava, exprime-se a revista *A Arquitectura Portuguesa* (Janeiro de 1931) nestes termos:

«...O coração do Ribatejo, centro das afamadas lezírias, que segundo o escritor romano Plínio o Velho, já no seu tempo eram notáveis, entre outras coisas “porque as águas que aí nascem têm a particularidade de conceber do vento, dando à luz crias velocíssimas que infelizmente não vivem mais de trinta anos”.

«Talvez em homenagem a tão importante e tradicional indústria pecuária não quis o espírito-artista deixar de fazer figurar na construção e suficientemente em relevo o arco de ferradura...

«Valha a verdade que no nosso país abunda a tradição que o obriga a empregar...

«Entre muitas outras razões, sabe-se que esse arco foi e tem sido tão largamente utilizado pelos muçulmanos na sua típica arquitectura que é tomado pelo nosso povo como um dos seus caracteres mais frisantes e genuínos.»

E mais adiante elucida o crítico:

«Que admira pois que ferindo com mais vivacidade e vigor a nota mourisca o architecto tivesse enriquecido a fachada do lado da vila rasgando no 1.ª andar duas janelas geminadas de arco de volta plena ultrapassada e encaixadas à maneira andaluza, num quadro de azulejos policrómicos de desenhos geométricos?»

Eis como, a propósito duma ninharia, o crítico duma revista de especialidade manifestava o seu entusiasmo.⁴²

Não é possível, em trabalho deste género, apresentar um inventário mais ou menos completo do que se erigiu, no chamado estilo árabe, no nosso país no decurso dos séculos XIX e XX. Detivemo-nos sobretudo nas construções que apresentavam, consciente ou inconscientemente por parte dos autores dos seus projectos, literatura a interpretar. Não queremos todavia deixar de fazer referência a outras casas que existem ainda, mas sobre as quais não foi possível documentarmo-nos.

Estão neste caso uma sita em Vila Nova de Gaia, na avenida que parte da Ponte, a qual apresenta uma nota curiosa: a decoração dum alpendre faz-se com letras isoladas do alfabeto, uma em cada canto. Saberá o canteiro ou até o desenhador que aquilo era o equivalente ao *j* espanhol ou a um *m*, por exemplo?

Outros edifícios se conservam igualmente ao começo da Avenida da Boavista.

Não falta quem remate construções em manuelino com ameias orientais. Como aconteceu em Viana, no palacete da família Alpoim.

Às vezes são uns arremedos sem sentido, com caracteres de pernas para o ar, como acontece em certa construção de Braga.

Outras vezes são mirantes, como um de madeira que se conservou até há alguns anos em Esposende, do qual só resta a construção da base, em arco de ferradura, que hoje serve, muito tipicamente de oficina a um sapateiro.⁴³

Que haverá mais por esse país fora? Não podemos sabê-lo.

15 – UM CAPÍTULO DO ROMANTISMO PORTUGUÊS

Para se compreender a razão de ser desta nova maneira de construir em arquitectura, convém compulsar a literatura do tempo, sobretudo a dispersa por jornais e revistas da época.

Ora, se folhearmos o *Panorama*, o *Archivo Pitoresco*, o *Occidente*, *A Ilustração*, os próprios jornais diários, vamos encontrar, constantemente, artigos sobre os monumentos árabes da Península ou dos países islâmicos.⁴⁴

Sabemos como o interesse dos românticos pelas coisas do oriente foi perfilhado pelos realistas. Lembremo-nos de Eça e de Gautier, para não falarmos em Vitor Hugo e muitos outros.⁴⁵

Tenha-se ainda presente as boas relações diplomáticas que mantínhamos com os países árabes, sobretudo com Marrocos. Recorde-se, por exemplo, a embaixada mandada pelo rei de Marrocos ao monarca português em Maio de 1878.

No final da circunstanciada reportagem que a revista *Occidente* publicou em 1 de Junho desse mesmo ano, sobre o acontecimento, lê-se o seguinte:

«O desenho que hoje damos na primeira página é feito sobre uma photographia de Fillon, distincto e apreciavel artista, que no seu conhecido atelier recebeu a visita da embaixada. Sid Tibi Benhima e os seus companheiros, deixando-nos

o seu retrato, deram-nos uma alta prova de consideração, que só se aprecia em sectarios de Mafoma sabendo-se que pelo Alcorão é expressamente prohibida a reprodução da imagem humana.

A embaixada, praticando um acto em offensa à sua crença, para nos dispensar uma amabilidade, mostrou que não lhe será difficil entrar no verdadeiro caminho aberto á diplomacia europeia.»

Voltando porém ao domínio da arquitectura, convém notar que, mau grado o entusiasmo manifestado por certos críticos, a adesão dum artista ao estilo árabe não é total. Por vezes, como vimos na Casa do Alentejo e no Palácio da Bolsa, o mesmo architecto, no mesmo edificio, sacrifica a vários estilos – árabe, manuelino, império, Luís XVI, etc. E, que eu saiba, não há duas dessas construções projectadas pelo mesmo architecto.⁴⁶

16 – O ARABISTA, ESSE DESCONHECIDO

Apesar de todos os esforços desenvolvidos em mais de meia dúzia de anos, não foi possível apurar, até hoje, quem foram os arabistas que orientaram as várias obras a que vimos fazendo referência.

As legendas da Pena não foram certamente vertidas para árabe pelo Barão de Eschewege nem pelo seu régio protector...

Ao descrever-se a Quinta do Relógio e o seu palacete, o articulista contemporâneo da sua construção ignora que lá existe literatura árabe...

Na extensíssima reportagem em que se relata, até ao mínimo pormenor, a remodelação por que passou a que hoje é Casa do Alentejo, não se faz qualquer referência à utilização da legenda dos monarcas granadinos como motivo de adorno.

O Palácio da Bolsa do Porto, ou melhor, o seu Salão Árabe, tão abundante em literatura, que lhe cobre paredes, tecto e até as portas envidraçadas, também é de arabista desconhecido...

Parece que o fatalismo – o *maktub* dos filhos de Mafoma – persegue inelutavelmente os que em Portugal se apaixonaram algum dia pelas coisas arábicas.

O arabista é, entre nós, o indivíduo a quem se recorre para satisfazer pequenas curiosidades, a quem se agradece à pressa – quando se agradece. E mal fecha os olhos, cansado e desiludido, cai sobre ele, mais pesado que a lousa sepulcral, o véu do silêncio. Haja em vista o acontecido com o esquecível Dr. Joaquim Figanier, meu saudoso mestre.

Muitas são as pessoas a quem são devidos agradecimentos pelos serviços que nos prestaram, tornando possível este trabalho tão árduo como modesto. É possível que alguns nomes fiquem, mau grado nosso, injustamente esquecidos. Disso pedimos desculpa.⁴⁷

17 – ACTUALIDADE DA ARTE HISPANO-MOURISCA

Que eu saiba, o entusiasmo dos nossos arquitectos pelo estilo árabe não passou do final do primeiro quartel deste século.

Não me foi possível, até à data, fazer uma constatação do que se passou na vizinha Espanha.

Não deixa de apresentar certo interesse a exposição, aqui, e neste momento – Julho de 1970 –, do que pude observar numa recente viagem feita a Marrocos.

Em Casablanca, o guia que nos mostrou a cidade levou-nos a ver exteriormente o Palácio Real daquela cidade, construído há duas ou três dezenas de anos, em belo estilo hispano-mourisco.

Na mesma cidade, e dos nossos dias, é o Palácio da Justiça, da mesma cidade. Um e outro

seguem de perto a lição dos mestres granadinos, na requintada maneira de moldar o estuque e de aplicar o azulejo.

Em Marraquexe, além do belo palacete Der Es-Salame, com as paredes cobertas de literatura corânica, moldada no estuque ou cozida nos belíssimos azulejos reproduzindo a divisa dos monarcas que habitaram a Alhambra – *ولا غالب الا الله*, o qual parece remontar ao século xvii e está hoje transformado em restaurante de luxo onde se vai comer o *cuscus* e ver a dança do ventre, podemos hospedar-nos muito comodamente no Hotel Cutubia, igualmente em estilo hispano-mourisco, e ostentando da mesma forma a literatura de Granada. Este último, porém, é de construção recente.

A nossa surpresa é ainda maior quando chegamos a Rabat e nos permitem visitar as obras colossais do Mausoléu de Maomé v, integrado num vasto e riquíssimo conjunto arquitectónico, compreendendo o panteão, uma mesquita – à qual servirá de minarete a vizinha Torre de Hassan, irmã gémea da Giralda de Sevilha e da Cutubia de Marraquexe – bem como um museu.

Aí nos é dado ver os artistas de hoje repetindo o que faziam os seus irmãos medievais: com paciência beneditina, lavrar o estuque, assentar os mosaicos, entalhar o cedro e a laranjeira.

Na enorme sala quadrangular que receberá o cadáver do Pai da Independência Marroquina, um friso metálico a envolvê-la: «E não há vencedor senão Alá». E por toda a parte versículos corânicos.

Como poderemos estranhar o interesse e o entusiasmo dos portugueses pela arquitectura dos nossos vizinhos?

¹ Transcrevemos, em tradução, as duas primeiras estrofes do poema de Al-mutamid:

Vamos, abu Bakr, saúda os meus lares em Silves, e pergunta-lhes se, como penso, ainda se recordam de mim.

Saída o Palácio das Varandas, da parte dum jovem que sente perpétua nostalgia daquele alçácer.

.....

O leitor poderá ler todo o poema, traduzido para castelhano, no livro de Garcia Gomez *Poemas Árabe-Andaluzes*, Coleção Austral, n.º 163, Madrid 1940. – O original árabe poderá encontrar na tradução egípcia da mesma obra, feita pelo Prof. Monés, director do Instituto Egípcio de Estudos Islâmicos de Madrid.

² Veja-se «A Dominação Árabe e a Toponímia a Norte do Douro», da nossa autoria.

³ Nesse aspecto, recomenda-se sobretudo o que sobre o assunto tem publicado nestes últimos tempos o ilustre investigador cap. Correia de Campos.

⁴ O azulejo parece ter sido invenção dos árabes. O próprio vocábulo denuncia essa origem.

Tanto em Sintra, no Palácio Nacional – onde não faltavam modelos a imitar –, como em Coimbra, na Sé Velha, empregaram-se azulejos importados de Espanha.

⁵ Divergem muito os nossos historiadores de arte quanto à origem deste palácio. Para alguns seria de origem árabe. Sobre as ruínas da construção primitiva teria D. João I edificado o actual, a que se havia de acrescentar mais tarde a parte do manuelino. Curioso porém é que, contrariamente ao que os críticos escrevem, os cicerones vão dizendo aos visitantes que a capela fora parte da antiga mesquita. Coisa semelhante ouvi em Coimbra, na Sé Velha, referente aos azulejos que lhe revestem as paredes...

⁶ O Castelo dos *Mouros*, por exemplo; a povoação de *Cacém*, etc.

⁷ Vilhena Barbosa, no *Archivo Pitoresco*, Vol. IX, pp. 184-86, conta-nos uma, segundo a qual a propriedade ou sítio de Monserrate fora de um moçárabe, «fidalgo cristão que vivia tranquilamente no alto onde ora campeia o formoso palácio acastelado».

Refere a lenda que o cristão tinha frequentes questões com o chefe mouro que defendia o castelo da vila. Pelejavam amiúde, até que o cavaleiro de Cristo caiu às mãos do islamita.

Os cristãos passaram a considerar o moçárabe como um verdadeiro mártir e a visitar-lhe a sepultura como se de santo se tratasse.

Tomada a vila aos mouros pelo montante do Conquistador, os cristãos construíram no local da sepultura, em acção de graças, uma capelinha dedicada a Nossa Senhora. O tempo porém deliu a fé e arrasou o humilde monumento.

⁸ Pagou D. Fernando pelo convento, pelas casas anexas, pela cerca, pinhal, mata e Castelo dos Mouros, a importância de 761\$00.

⁹ Ouçamos Jorge Cardoso, no *Agiolégio Lusitano*, 1657, Tomo II, pp. 478 e segs.:

«Mais celeberrimo e aprazível he o sitio de N. Senhora da Pena convento de Hieronymos, edificado no cume da mesma serra, onde avia ja Ermida da Senhora, a qual (segundo a tradição) apareceu neste lugar, de que lhe resultou o nome. Foi o caso que el Rei D. Manuel, depois de fundar o mosteiro de Bethlem, afeiçoado a este posto, assi pela estranheza delle, como pelo muito que daqui se descobre, e principalmente pela veneranda imagem da Virgem (tão antiga como devota) mandou erigir este convento á sua custa anno 1503. (...) Nesta piquena praça se levantou de madeira a nova colonia de gloria, que

durou perto de oito annos. Vendo pois o d. Rei que não era perduravel, a mandou fazer de cantaria e abobadada de pedra, lançada com todo o primor de arte, em que entra a igreja, claustro, dormitorio, e mais officinas a 18 religiosos, que ali morão de ordinario, necessarias».

¹⁰ Eis como Raczyński se refere ao architecto da Pena, barão de Eschewege: «Eschewege (le baron d'), Allemand, issu d'une très ancienne famille, général au service du Portugal, a plus de 60 ans. C'est un homme instruit, intelligent, honorable; l'architecture n'est pas sa spécialité, il s'en occupe en amateur, qui y est porté par un gout très décidé, qui y a fait quelques études et dont l'esprit est en général très cultivé. Je suis cependant loin d'approuver les constructions que ce général a exécutées à Pena, près de Cintra.

J'ai déjà dit mon avis sur ces constructions (...) «Dictionnaire historique-artistique du Portugal», Paris 1847.

O mesmo crítico refere-se ainda à Pena e ao seu architecto na obra *Les Arts en Portugal*. Em sua opinião, as novas construções apresentam alguns detalhes interessantes. Condenável – em seu entender – era a enxertia que se fazia sobre o manuelino.

¹¹ Pelo contrário, no *Archivo Pitoresco* de 1858, 2.º Vol., pp. 329, lê-se: «Como ao toque de vara mágica, vai o palácio acastelado surgindo d'encantamento, completando-se ou estendendo-se, pelos píncaros fragosos do mais elevado da serra. «Vede os milagres que mão real, espírito ilustrado e artístico, tem operado naquella região das nuvens, tomada agora como poética e deleitosa estância!

«Calculai o que não será e não valerá para as artes, e para as sensações deliciosas o complexo daquelas obras, quase fantásticas, quando puserem remate ao que ali e em toda a parte é uma maravilha!»

Já no primeiro volume da mesma publicação, p. 363, o mesmo crítico dizia: «Engrinalde-se a Pena de flores alegres e viçosas, e matize-se o papel com o reflexo do seu colorido.

«Formosas filhas da arte, descei do trono de vossa glória, e vinde saudar o rei que se inspira do vosso engenho, e protege os vossos discípulos.»

«Génios da independência e da liberdade, desfraldai os vossos pendões, e vinde colocar-vos aos lados do rei que vos ama e se nutre da vossa salutar influência.»

«Operários de todas as indústrias, largai por um instante o trabalho, e acercai-vos do rei que vos anima com o prestígio da sua palavra, folga em tratar convosco. E vós, partidários de todas as cores, vinde também cumprimentar o rei que a todos vos olha como irmãos. Festejemos todos o nome de D. Fernando II. Rei que só é rei pelo título, rei que tem de humano as qualidades, rei a quem os preconceitos e as etiquetas da suprema aristocracia incomodam (...)».

¹² Repito aqui o que disse quando apresentei a leitura desta inscrição ao xxvi Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências:

«Tendo visitado, pela primeira vez, e acompanhado dum amigo de origem libanesa – que havia tempos trocava correspondência comigo em língua árabe – o Parque da Pena, surgiu-nos no caminho a Fonte dos Passarinhos. O meu companheiro exultou com o achado duma lenda redigida na sua língua materna, a envolver a cúpula da pequena construção. O texto que se publica foi então traduzido por esse

mesmo amigo – Yussef Dawid Harun Alfarkh – hoje médico, e a exercer clínica em Madrid. Considere-se pois sua e não minha a tradução deste texto em que D. Fernando assinalou, ao mesmo tempo, a construção do seu castelo e o regresso de Vasco da Gama, da sua segunda viagem à Índia. Segundo é tradição, do alto da Pena teria D. Manuel avistado ao longe as caravelas que demandavam o estuário do Tejo.

¹³ E não se lhe pode negar uma certa semelhança com a famosa Porta da Justiça.

¹⁴ Temos presente uma fotografia do exterior desse pavilhão, a que, pelas abóbadas, se assemelha mais a Praça de Touros do Campo Pequeno.

¹⁵ A designação de *Monserrate* data do séc. XVI, e é devida à presença, naquela propriedade, duma ermida consagrada a Nossa Senhora de Monserrate, construída pelo padre Gaspar Preto, após uma peregrinação feita por aquele sacerdote ao célebre santuário mariano de Barcelona.

¹⁶ Publicada no *Archivo Pitoresco* de 1864.

¹⁷ É a este palácio que se refere Lord Byron na sua «Peregrinação de Child Harold»:

*There thou too, Vathek! England's wealthiest son
Once formed thy Paradise, as not aware
When wanton Wealth her mightiest deeds hath done,
Meek peace voluptuous, lures was ever wont to shun.
Here didst thou dwell here schemes of pleasure plan,
Beneath yon mountain's ever beautiful brow:
But now, as if a thing unblest by Man,
Thy fairy dwelling is as lone as thou!
Here giant weeds a passage scarce allow
To halls deserted, portals gaping wide:
Fresh lessons to the thinking bosom, how
Vain are the pleasantries on earth supplied;
Swept into wrecks anon by Time's unbending tide!*

O que em português quer dizer:

«Ali também tu, Vathek! opulento inglês, fizeste outrora o teu Paraíso, sem considerar que a riqueza, prodiga de voluptuosidades, quando uma vez chega a realizar os prodígios de que é capaz, é para logo se dizer adeus a todo o sossego.»

«Aqui moraste, aqui sob os pináculos sempre belos desta serra, formaste sonhos de prazer. Hoje, porém, como cousa amaldiçoada dos homens, a tua vivenda encantadora está solitária como tu. Altas ervas parasitas a custo dão passagem para salas desertas e portais abertos. Que lição ainda recente para o homem que medita! Vaidade dos prazeres do mundo que o tempo inexorável depressa mudou em ruínas!»

No belo artigo de que extraímos esta passagem, Alberto Teles (*Occidente*, n.º 22, de 1899) mostra como Lord Byron denomina Beckford pela designação que este riquíssimo autor inglês e antigo senhor de Monserrate deu a um dos seus livros: *História do Califa Vathek*, que o mesmo Byron classificou como «um dos livros que mais admirei na minha mocidade».

Beckford está ligado à nossa literatura do século XIX, como principal personagem do livro de Rebelo da Silva intitulado *Lágrimas e Tesouros*.

¹⁸ Knowles era o seu nome.

¹⁹ Ver, por exemplo, o artigo acima citado de *Occidente*.

²⁰ Entre os arabistas estrangeiros, e tantos foram, que tomaram parte no IV Congresso de Estudos Árabes e Islâmicos, a que

esta comunicação foi apresentada, figurava um parente de Francis Cook.

Foi o Sr. Nevill Barbour, que se inscreveu com a comunicação: «O significado da palavra «mouro».

²¹ A legenda, em letras a branco sobre fundo azul – e com um tipo caligráfico pouco vulgar – está repetida três vezes e é perfeitamente legível da Estrada dos Pisões, que lhe passa em frente, entre ele e o luxuoso palácio neomanuelino da Regaleira.

²² A esta árvore – o sobreiro secular conhecido por Sobreiro dos Fetos – se refere Southey em suas *Cartas*, dizendo que era tão grande e tão velho que um pintor devia vir de Inglaterra só para o pintar.

²³ São dele estas palavras:

«A casa é elegante, e produz lindo efeito em meio de tão risonha paisagem. Mau grado de algumas censuras que lhe fazem, entendemos que aquele distinto arquitecto (António Manuel da Fonseca Júnior) fez um bom serviço público, variando assim a construção das casas de campo, que entre nós são de ordinário de uma arquitectura monótona e mais própria da cidade».

²⁴ *V. Arte em Portugal no Século XIX*, por José-Augusto França, II Vol. pg. 20, Lisboa 1967.

²⁵ José-Augusto França, *ob. cit.*

²⁶ Curioso é o depoimento do mordaz Fialho de Almeida:

«Tudo está por fazer, repito ainda, e se para o terreiro normal do Campo Pequeno faltam artistas e bois do typo impecavel, tão pouco as pretensões *ornamentaes* d'aquella praça, e o aficionamento toural dos espectadores, estão á altura da supremacia orgulhosa que conviria dar ás corridas de touros da capital. Por enquanto o redondel do Campo Pequeno só exteriormente expõe certa grandeza, e essa mesma arremedada ao estylo macaco-árabe dos nossos amigos espanhoes. Por dentro a miséria exígua e pelintra dos janotas de fato rico e de tripa vazia, que a gente vê por ahi palitando os dentes depois de terem bebido um copo de água.

...

«Ora no Campo Pequeno o espectador não tem destaque, a praça come-o.

...

«Logo á primeira vista, as altíssimas muralhas da praça, nuas e inúteis, dão-nos a impressão d'irmos vêr correr touros dentro d'um poço, e pergunta-se se aquella altura cyclópica que deixa ás duas ordens de camarotes, por fundo, grandes superficies verticais impossíveis de decorar, terá por fim prohibir as entradas de borla até aos proprios passarinhos. – *Os Gatos*, Vol. VI, pp. 101 e segs. Edição 5.ª, Lx.ª 1923.

²⁷ Foi projectado por Tomaz Augusto Solлер.

²⁸ Ouçamos o noticiário de *O Comércio do Porto* de 13 de Junho de 1880:

«Proseguimos hoje na narração das diversas solenidades com que se tem festejado o terceiro centenário da morte do cantor dos «Lusíadas».

«Ontem pela 1 hora realizou-se a abertura do Salão nobre do edificio da Bolsa, acto que se fez sem aparato.

«Ao fundo do salão elevava-se um estrado onde estava collocada a rica mesa, primor de obra de talha, que foi montada agora para permanecer naquele sitio.

...

«Da sala inaugurada já temos dado por vezes várias descrições e portanto só nos resta congratular-nos pelo termo das obras daquela parte do edifício, a qual pela sua riqueza e delicadeza dos diversos trabalhos de talha e estuque que a aformoseiam se toma uma das curiosidades artísticas desta cidade».

²⁹ Não havia, nessa data, que saibamos, estudos árabes no Porto. Nem em Lisboa havia grandes mestres. Estou pois convencido que os desenhos das legendas foram encomendados a estrangeiros. Pelo menos aquela que dedica a sala a D. Maria II, pois as outras podem ter sido copiadas inconscientemente quer de monumentos como a Alhambra, quer de publicações.

³⁰ As duas páginas que neste trabalho se reproduzem haviam sido publicadas na monumental obra de Prisse d'Avennes, intitulada «L'Art arabe d'après les monuments du Caire», Paris 1876. A edição iniciou-se em 1869, em fascículos.

Foi na biblioteca da Escola Industrial e Comercial de Braga, onde a obra existe, que se tornou possível verificar a provável origem das legendas das portas envidraçadas do Salão Árabe da Bolsa Portuense. De idêntico exemplar da mesma obra extraiu certamente o decorador do monumento estes motivos de ordem literária.

Tem seu interesse a história deste alcorão; por isso vamos transcrever alguns dados que nos são fornecidos por Prisse d'Avennes: «Mohammed Abou-Dahâb fit don à sa mosquée, construite dans les environs d'EI-Azhar, de ce splendide Qorân; il provenait, dit-on, d'un sultan du Maroc, Sidi Mohammed. Nous avons publié les principales pages de ce beau manuscrit, que tous ceux qui l'admirent à l'Exposition Universelle de Paris, en 1867, faisaient remonter beaucoup plus haut, tant le style mauresque en était pur et original.

«Ce Qorân aurait donc été écrit et décoré en 1768 pour le sultan Sidi Mohammed, empereur du Maroc; les arabesques sont d'un gout très pur».

O autor de «L'Art arabe» informa que o papel – de Holanda e com a marca *Pro-Patria* – denunciava tratar-se dum manuscrito do século XVIII. Mas se algumas dúvidas pudessem subsistir a esse respeito desvanecer-se-iam ao ler o fecho da obra: «Gloire au Dieu unique, que les bénédictions et le salut soient sur celui qui n'aura plus de prophète après lui. Celui qui ordonne la transcription de ce noble Qorân, qui fait glorifier et honorer te Dieu très haut, est le maître, le noble, le glorieux, celui qui a une haute origine, en qui réside tout l'honneur et dont les hommes apprécient l'éclatante renommée, celui dont les vertus font sourire le siècle, dont l'odeur de générosité donne aux fleurs un parfum qui se répand de tous côtés, notre maître, le prince des croyants, te khalife de Dieu, le sultan Sidi-Mohammed, fils du sultan notre maître, Ismayl. L'an 1182 (1728 ère vulgaire)». – «Légué par Mohammed-Bay Abou Dahâb, à sa mosquée, l'an 1188 (1774)». – «Au-dessus se trouve son cachet».

³¹ Trata-se duma porta simulada, portanto com a superfície pintada dos vidros voltada para a parede e não para o interior do salão. Estamos em crer que a razão disto foi ter-se o artista enganado ao aplicar as formas que serviram para a reprodução das legendas. Isto obrigou a voltarem tudo ao contrário...

³² Cumpre-nos consignar aqui o nosso sincero agradecimento à ilustre Direcção da Associação Comercial por todas as facilidades que nos foram concedidas para levar a cabo este estudo.

³³ Depoimento idêntico nos fornece Fialho, em «À esquina»: «A mór parte dos lindos typos d'azulejo portuguez da Batalha, da Bacalhõa, Santa Cruz e Sé de Coimbra, Évora, Caldas e outros logares onde monumentos architectonicos das duas primeiras dynastias poderam offerecer variedades de desenho e esmalte à contemplação assimilativa de Bordallo, foi por este reproduzida fielmente, e está na colecção mosaista da fabrica, espera que os ricaços se lembrem de colgar as fachadas e atrios dos palacios com aquelles soberbos brocados faiscentes», pp. 221/222, 5.^a ed., Lx.^a 1923.

³⁴ O Dr. Armando Mendes, cujo pai, por sua incumbência, entrou em comunicação com a antiga proprietária da vivenda. Ao mesmo amigo se deve a fotografia que publicamos.

³⁵ Essa reportagem ocupa inteiramente os números 10 e 11 da referida publicação. É acompanhada por numerosas fotografuras, seis das quais referentes ao pátio árabe e ao anexo. Esclareça-se porém que o architecto, obedecendo ao enciclopédismo que era muito frequente nos começos deste século, utiliza, na mesma obra, vários estilos, entre os quais o império e o Luís XVI.

Foi autor do projecto o Arq. António R. da Silva Júnior.

³⁶ Aqui também se ignora qual foi o arabista, se o houve, que orientou os trabalhos, sobretudo o da reprodução da legenda que serve de motivo aos frisos.

³⁷ O Dr. José Bernardino Amândio.

³⁸ José Rodrigues Marinho, insigne numismata.

³⁹ Segundo me informaram, essa fonte foi reconstruída numa das quintas da região.

⁴⁰ Está apurado que esses azulejos são do século XVI, e importados de Espanha.

⁴¹ O artigo é assinado por Nogueira da Silva.

⁴² Não se reproduzem aqui as respectivas gravuras para se não sobrecarregar ainda mais este trabalho.

⁴³ Esse mirante fora construído à margem da rua, em frente ao *chalet* que fora propriedade (e julgo ser também desenho seu) do pai do escritor Mário Gonçalves Viana.

⁴⁴ Eis alguns dos temas tratados pelas referidas publicações: «Alhambra», in *Archivo Pitoresco* (1858); «Tunis», *ibid.*; «Granada», *ibid.*; «Sacerdote abexim», *ibid.*; «Córdova», *ibid.*; «Toledo», *ibid.*; «Meca», *ibid.*; «Marrocos», *ibid.*, 1960; «Adém» *ibid.* (1860); «Jerusalém», *ibid.* (1861); «Hagdad», *ibid.* (1861). Por sua vez, no *Panorama* foram tratados os seguintes temas: «Constantinopla», «Interior da Mesquita de Achmede», «Sultão Mahmud II», «Camelo Árabe», «O muezzim da torre da mesquita», «Meca», «Mar Roxo», «Mahomed e os árabes», etc. Isto para só nos limitarmos àquelas duas publicações.

⁴⁵ É bem conhecida a viagem empreendida por Eça ao Egipto, a assistir à inauguração do canal de Suez, viagem essa que lhe deu materiais ou sugestões para livros como *A Reliquia e Egipto*.

⁴⁶ Um caso apenas, entre muitos: O architecto da Praça do Campo Pequeno é, ao mesmo tempo, quem projecta a Igreja de Reguengos de Monsaraz, em estilo gótico, e a casa dos duques de Palmela, em Cascais, bem como o Teatro da Trindade, em Lisboa.

⁴⁷ Um aceno muito especial ao Arq. José Veloso Lamosa, autor da reportagem fotográfica relativa ao Porto e a Vila Nova de Gaia.